

FETICHE DA TECNOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DO PEDAGOGO E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FRENTE AO USO DAS REDES SOCIAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

FETISH OF TECHNOLOGY: A STUDY ON THE PROFILE OF THE PEDAGOGUE AND THE CHALLENGES OF EDUCATION IN THE USE OF SOCIAL NETWORKS IN THE CONTEMPORARY SOCIETY

- **Jéssica de Castro** (UFC – jessica@multimeios.ufc.br)
- **Lara Meneses Saldanha Nepomuceno** (UFC – lara@multimeios.ufc.br)
 - **Francisco Wesley Lima** (UFC – wesley@multimeios.ufc.br)
- **Antônia Lis de Maria Martins Torres** (UFC – lisdemaria@multimeios.ufc.br)
 - **Hermínio Borges Neto** (UFC – herminio@multimeios.ufc.br)

Resumo:

A sociedade contemporânea vivencia transformações resultantes da evolução das tecnologias de informação, repercutindo em diversos setores da sociedade. Considerando o âmbito educacional como espaço responsável pelas relações humanas com as redes sociais, o trabalho em questão, derivado de um trabalho de conclusão de curso, intitulado: “Desafios da educação e o uso das redes sociais na sociedade contemporânea”, fez uso de procedimentos metodológicos a partir de uma abordagem quantiqualitativa, como também de pesquisa bibliográfica. Desta forma, foi aplicado um questionário, com questões objetivas e subjetivas, com um grupo de 30 sujeitos, em situação de formação em andamento ou concluída no curso de Pedagogia-UFC, a fim de traçar um perfil de uso das redes sociais atuais, pelo pedagogo, objetivando avaliá-las como ferramentas de ensino e aprendizagem. Os dados apontaram que há uma tensão dos pedagogos em utilizarem essas ferramentas em suas práticas docentes, mesmo utilizando-as em seus cotidianos, devido às fragilidades de suas respectivas formações acadêmicas e a abstenção da escola em se colocar como interlocutora desse debate sobre a cultura digital, o que torna-se um problema no atual contexto em que vivemos cuja vida também acontece na esfera sócio- digital, acarretando inúmeros problemas sociais urgentes de atenção, a exemplo da propagação das brincadeiras perigosas e os desafios da internet.

Palavras-chave: Redes Sociais; Formação de Professor; Educação; Alienação.

Abstract:

Contemporary society experiences transformations resulting from the evolution of information technologies, impacting on several sectors of society. Considering the educational scope as the space responsible for human relations with social networks, the work in question, derived from a course conclusion entitled "Challenges of education and the use of social networks in contemporary society", made use of methodological procedures from a qualitative-quantitative approach, as well as from bibliographic research. In this way, a questionnaire with objective and subjective questions was applied to a group of 30 subjects, in a training situation in progress or completed in the course (PEDAGOGIA / UFC), in order to draw a profile of the use of current social

networks, by the pedagogue, aiming to evaluate them as teaching and learning tools. The data pointed out that there is a tension among pedagogues to use these tools in their teaching practices, even using them in their daily lives, due to the weaknesses of their respective academic formations and the abstention of the school to put itself as interlocutor of this debate on the digital culture. This becomes problematic in the current context in which we live, where life also happens in the social-digital sphere, causing numerous social problems, such as the spread of dangerous games and the challenges of the internet, among others, that need attention to be solved.

Keywords: Social Networks. Teacher training. Education. Alienation.

1. Redes sociais e contemporaneidade: problemáticas insurgentes

A cada dia que passa cresce o número de pessoas que utilizam a tecnologia digital em seu cotidiano para variados fins. Em todos os setores da sociedade, a internet, e principalmente, as redes sociais, ganham notabilidade com a promessa de facilitar a vida de seus usuários, no que concerne a comunicação e ao acesso de informações, de forma rápida, prática e eficaz. É inegável o quanto essa realidade tem mudado a forma humana de viver e conviver, transformando nossos hábitos, costumes e a nossa cultura. A evolução humana e a evolução tecnológica se confundem e se constituem, ocasionando mudanças no comportamento humano em relação a elas. Pensar nessa transformação nos instiga a refletir o quanto a nossa cultura e nossa realidade socioeconômica também refletem em nosso modo de utilizar as redes sociais.

A tecnologia e suas facilidades geográficas e comunicacionais não estão neutras no processo da evolução humana e social. Feenberg (1999) destaca que o uso da tecnologia é um processo socialmente construído, permeado de valores e características das classes sociais (principalmente as dominantes), e dos sujeitos que compõem a sociedade. O autor nega a perspectiva de uma tecnologia meramente instrumentalista, acreditando que ela é permeada de valores e consciência social de quem a usa. A esse processo ele denominou de Fetiche da Tecnologia, tendo grande influência da teoria marxista, que considera a mercadoria como fruto do trabalho do homem, assim como o uso da tecnologia e as mídias sócio-digitais, ou seja, a sua evolução está intrinsecamente conectada na forma como a sociedade evolui. Dessa forma, consideramos indispensável discutir sobre a importância da teoria marxista para as análises desse escrito, conforme discorreremos a seguir.

1.1. A história da evolução tecnológica numa perspectiva marxista

O teórico Karl Marx, a partir da observação das relações de exploração da classe burguesa para com a classe trabalhadora, e como essa relação se perpetuava no decorrer do tempo, buscou reconstituir como essas relações se davam desde o início dos tempos e se perpetuavam geração após geração, e concluiu que havia um processo histórico que ainda estava em curso.

Segundo Rodrigues (2007, p. 33), “Marx e Engels escreveram que a história humana é a história da relação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Nesses dois tipos de relação aparece como intermediário um elemento essencial: o trabalho humano”. Esse

elemento faz com que o ser humano produza instrumentos, manipulando a natureza a seu favor, na busca de satisfazer suas necessidades e garantir sua sobrevivência. Essas produções dos recursos naturais tinham uma função social e eram construídas de forma coletiva, através do trabalho.

Com o passar do tempo, essas técnicas foram ampliadas e aperfeiçoadas, à medida que as pessoas desenvolviam sua capacidade de raciocínio e que a população aumentava. Com a ampliação dessas técnicas, surgiu a divisão do trabalho entre trabalho manual e o intelectual, e as tarefas começaram a ser divididas em prol de uma maior produtividade. Essa divisão do trabalho resultou na cisão da sociedade em dois pólos, ou duas classes sociais, como o próprio Marx classifica: a classe trabalhadora e classe burguesa. E é através dos conflitos e da luta dessas classes, que a sociedade muda e se desenvolve. Desta forma, podemos supor que os avanços tecnológicos são resultados tanto do conflito de classes, como também da própria divisão do trabalho e da transformação dos meios de produção, o que estabelece um vínculo desses avanços com os preceitos da sociedade capitalista vigente, e dos valores da classe dominante.

A comunicação e a socialização são necessidades constituídas historicamente, através da própria evolução do homem e da sociedade. A necessidade de se comunicar para estabelecer relações sociais fez com que surgisse a fala, que posteriormente passou a ser representada pela escrita, como forma de comunicação e expressão humana. Todos esses resultados constituem um processo de evolução individual e coletiva, que se dá por meio das relações sociais e da evolução da sociedade. Podemos dizer então que, ao utilizar a tecnologia, e principalmente as redes sociais, o sujeito tem o intuito de comunicar-se e obter informações que circundam o mundo em que vive. Logo, não questionar o contexto em que essas redes sociais surgem, seu desenvolvimento e quais suas implicações em nossa vida cotidiana é problemático, visto que, atualmente, vivemos parte de nossas vidas também em um mundo virtual. Não considerá-los seria alimentar uma perspectiva alienada que rejeita e não problematiza todo o processo que acontece na nova sociedade da informação, na qual “as pessoas são dominadas pelas coisas que elas próprias criam” (ABREU et. al., 2014).

Aqueles que tomaram o progresso tecnológico e o privatizaram utilizam-se das tecnologias das redes sociais para o controle de massas, buscando uma padronização social. Por isso, o uso não reflexivo desses aparatos perpetua essa ordem, e gera uma espécie de alienação, tornando o sujeito automático em suas relações sociais. Isto nos leva a refletir que somos “prisioneiros” de uma evolução técnica, que favorece a nossa vida, do ponto de vista da facilidade da comunicação e informação, mas até que ponto nos deixamos alienar? Vivemos dominados pelos avanços tecnológicos e pelas redes sociais, em busca de preencher vazios nem sempre perceptíveis. De certo modo, buscamos uma aceitação e uma idealização do ser e estar nas redes sociais, que muitas vezes não conseguimos ter na vida *off-line*. Sobre isso, Cunha et al. (2013, p. 6) comenta:

Na atualidade, devido à importância dos bens tecnológicos, estendeu-se à alienação. Ela está não só no sujeito que trabalha e produz, porém, mais que isto, no sujeito que trabalha e consome; não apenas nos bens tangíveis, mas também nos intangíveis, ou seja, em todos os lugares ao nosso redor.

Estabelecendo relação desse processo com o conceito de alienação, defendido por Karl Marx (1996), a relação humana com as novas mídias tem estabelecido uma espécie de coisificação das relações com o outro e com o mundo, na qual deixamos de perceber o outro e o nosso redor, nossas ações, e até mesmo os elementos positivos que todas essas mudanças trazem para nossas vidas, e para a continuação da evolução da sociedade como todo. Tal coisificação é propagada e mantida pela grande indústria cultural e midiática, que se apropria desses espaços como forma de manipulação, perpetuando o sistema capitalista cuja classe burguesa passa a dominar o trabalhador não somente nas horas de trabalho, mas também na hora de lazer, ditando através da mídia, e das redes sociais o que ele deve fazer-consumir- para sentir-se feliz e incluído socialmente.

Desta forma, faz-se necessário, que a escola, enquanto lócus formador da cultura digital, promova o uso consciente da internet e das redes sociais, questionando suas influências em nossas vidas. É inegável que desde a explosão digital, nossa sociedade expandiu-se e conquistou feitos positivos, que se não fosse por meio da tecnologia, provavelmente não teríamos alcançado. Contudo, precisamos compreender que o que temos hoje é resultado de um processo histórico, que compreende um desenvolvimento humano, permeado de conflitos e contradições, tanto das relações sociais, como econômicas, culturais e produtivas.

2. A trajetória histórica da internet e a concepção de redes sociais

Redes Sociais é um dos temas emergentes da nossa atualidade. O termo surgiu na primeira metade do século XX, nos âmbitos da história, das ciências sociais e humanas, especificamente da antropologia social (VELHO et al., 2015).

Trabalhar com noções de redes significa apropriar-se das mais variadas ideias que esse conceito traz, buscando refletir e traçar significados, especificamente para as redes sociais, em nossa contemporaneidade. É provável que as ideias baseadas no senso comum e em nossas experiências cotidianas com a tecnologia e as mídias sócio-digitais influenciem nosso olhar sobre as redes em determinado momento, visto que convivemos com estas diariamente. No entanto, para traçar e ressignificar o uso das redes sociais em um objetivo que ultrapasse o uso alienado destas dentro da sociedade capitalista, é necessário buscar uma diversidade de definições, sua origem, e em qual momento da história o conceito de redes se tornou o que conhecemos hoje. É necessário traçar a natureza essencial das redes sociais para determiná-las como fenômeno social, tais quais se apresentam na contemporaneidade. Só assim é que será possível prever requisitos necessários para uma nova perspectiva de uso dessas redes, entendida como uma prática social, dentro e fora da educação, onde se produz e reproduz a sociedade.

Acioli (2007) destaca que a noção de redes sociais está comumente associada apenas às tecnologias de informação. Para a autora, é necessário identificar os campos de conhecimento, dos quais a noção de redes está associada, para compreender e situá-la historicamente. Conforme destaca a autora:

Podemos perceber atualmente a naturalização da noção de redes que geralmente se apresenta articulada às tecnologias da informação. Esse que

é um debate que vem se travando em vários campos do conhecimento- Comunicação, Saúde, Educação, Economia, Geografia, Administração - e especificamente no seu campo de origem o das Ciências Sociais, parece apontar para a necessidade de uma contextualização do termo e de sua utilização (p.3 e 4).

Feenberg (2002) afirma que a tecnologia nem sempre está dada com o objetivo único de aumentar a produtividade, e por isso, contém relações sociais, que foram determinadas pela história, que obscurecem a luta de classes, através de seu uso, à primeira vista, inofensivo da tecnologia. O autor acredita que a visão positivista acerca destes artefatos torna-se uma forma de controle social, que parte das classes dominantes para as classes dominadas. Segundo ele, é necessário recontextualizar esses objetos/artefatos através da história, determinando onde foram concebidos para que se faça uma crítica, com o objetivo de desvendar seus efeitos alienantes.

A internet é uma rede mundial que conecta pessoas de todo o mundo, através de dispositivos móveis e computadores, que resulta na facilidade de comunicação e interação social de pessoas de todos os lugares que dispõem de acesso a ela (BELLONI, 2001). Nos últimos anos, foram surgindo grupos de aplicações, constituídos através de fundamentos ideológicos e tecnológicos, que permitem a troca de Conteúdo Gerado pelo Utilizador (UCG) (KIETZMANN, 2011). Utilizando dessas concepções, Falcão Júnior (2015, p. 11) afirma que esses grupos são:

“[...] *blogs*, páginas de relacionamentos, *chats*, redes profissionais (*Linkedin*, *Rede Trabalhar*), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), redes políticas e principalmente redes sociais eletrônicas como *Facebook*, *Twitter*, *Google +*, *MySpace* [...]”.

Rabesco (2013) apud Falcão Júnior (2015, p.11), denominam as redes sociais como organizações sociais, que dão oportunidades para os indivíduos se relacionarem, de forma facilitada e rápida. Conforme Falcão Júnior (idem, ibidem) pontua:

A facilidade e a mobilidade dessas redes proporcionam todos os tipos de interesse por parte dos usuários, fundamentado na alta acessibilidade e utilizando diversos tipos de dispositivos e não apenas computadores [...] A acessibilidade proveniente desses dispositivos ampliam o acesso à internet para um público variado e conseqüentemente permitem uma maior frequência nas interações por meio da rede.

Com a facilidade do acesso à internet, através das Redes Sociais, várias problemáticas vêm surgindo, decorrentes das interações que acontecem nesses espaços, resultantes da falta de informações e pouca, ou nenhuma mediação adequada para o uso destas. Algumas pesquisas apontam que a grande maioria dos perfis existentes nas redes sociais são idealizações de identidades, que não necessariamente contêm informações verídicas. Recuero (2004) salienta que as conexões sociais que acontecem nessas redes são realizadas independentemente de acontecerem fora da virtualidade. Afirma que não existe “troca de capital social” em relações como estas, pois não fazem parte do ciclo de convívio pessoal fora dos espaços digitais. Ela trata esse fenômeno como uma mera acumulação de pessoas, no qual não necessariamente acontecem relações sociais. A esse tipo de “acumuladores de amigos” ela nomeia de *hubs*. Estes “adicionam” em suas redes sociais, pessoas que não

fazem parte de seus ciclos sociais, sem considerarem até mesmo a segurança pessoal, simplesmente para acumularem “amigos”. Claramente, isso é mediado por uma relação mercantilista e consumista, na qual as pessoas tornam-se “mercadorias”, o que tem resultado em problemas, como brincadeiras perigosas, assédio sexual, pornografia de vingança, dentre outras, pois não há uma proposta de uso consciente destes aparatos, e os espaços que poderiam realizar esse tipo de discussão, como as instituições de ensino, por exemplo, muitas vezes se abstêm, devido à falta de estrutura e da má formação dos profissionais para atuarem nessa área.

As noções de redes sociais carregam em si ideias de flexibilidade, democratização e ampliação dos espaços de discussões. Contudo, esses pressupostos devem ser cuidadosamente analisados, pois essa pseudoigualdade de acesso às informações pode obscurecer quem de fato detém as informações. Novaes e Dagnino (2004, p. 207), apontam que “as decisões e escolhas tecnológicas não são guiadas por critérios técnicos, mas incorporam os valores do capitalismo e fortalecem a acumulação do capital”. Desse modo, considerando a internet, e as redes sociais enquanto patrimônios tecnológicos culturais, que pertencem à sociedade, e que a natureza da educação é propiciar o conhecimento de tudo que foi acumulado ao longo da história, é premente que a prática educativa se aproprie dessa cultura constituída pelas mídias digitais, que integra o atual contexto contemporâneo, com o objetivo de contribuir para a superação da ordem capitalista, visualizando uma nova ordem social que começa pela educação.

2.1. A escola enquanto locus formador da cultura digital

Todo esse processo do desenvolvimento da tecnologia perpassa e integra a educação. Em função disso, é importante considerar o todo, porque a sociedade contratual, que tem como base as relações formais, centradas na cidade e na indústria, traz consigo a exigência de generalização da escola (SAVIANI, 1994, p. 155).

É a escola que será a provedora de ações educativas, de acordo com as necessidades do mercado, para preenchimento e qualificação de mão de obra da classe trabalhadora que atuará nas empresas. Desta forma, a educação também torna-se propriedade das classes dominantes, assim como a tecnologia, a serviço da manutenção e continuidade do sistema capitalista. Logo, o conhecimento difundido na escola, acerca da tecnologia, é arrematado pela classe dominante, quando não, nulo, onde é perpetuada uma visão meramente instrumentalista e teoricamente neutra do uso da tecnologia.

A partir disso, podemos fazer a relação entre trabalho, educação e tecnologia. Tão logo a categoria de trabalho é a transformação da natureza pelo homem, a educação é a relação do indivíduo com a sociedade e com o mundo do trabalho.

Meszáros (2006), em seu livro “Educação para além do Capital”, busca discutir o âmbito educacional e sua reformulação, objetivando a emancipação humana das garras do capital. Embora o autor tenha ciência, e afirme isso em sua obra, de que a educação sozinha, dentro dos limites impostos pelo capital, não faria tal feito, pois é através dela que os indivíduos internalizam as perspectivas e os valores da ordem capitalista, é necessário pensar em outras formas, que em conjunto com a educação, pensariam estratégias capazes de superar a ordem social vigente, para além do capital. O referido autor considera que o papel da educação é estratégico, pois ela está ligada a possibilidades, que num processo de

antecipação, deve criar um meio de “contrainternalização ou contraconsciência”, que seja capaz de romper com a lógica do capital de forma duradoura e concreta.

Pensando nisso, e tomando consciência de que a tecnologia, as mídias digitais, a internet e as redes sociais se tornaram canais de controle e reprodução do sistema capitalista e da indústria cultural, é necessário que a escola, enquanto instituição educativa, tome para si a incumbência de preparar os alunos para conviver nessa nova realidade, com o objetivo de tornar consciente e emancipador, o uso dessas ferramentas, e não uma mera reprodução.

A escola e os professores, formados ou em formação, necessitam compreender as transformações tecnológicas que integram a sociedade contemporânea, a fim de mediar a relação de crianças e jovens, desde o início de suas vidas, para um uso reflexivo e significativo. Assim, tomar conhecimento sobre o uso que os próprios professores fazem, em relação à internet e às redes sociais, levantando dados acerca da frequência de utilização, os locais de acesso, finalidades, dentre outros pontos, torna-se necessário para delinear recursos e estratégias que superem uma educação reprodutora da ordem capitalista, tomando posse das mídias digitais de forma consciente, segura, significativa e transformadora.

3. Metodologia

A necessidade de compreender o uso das redes sociais na sociedade contemporânea para buscar uma nova perspectiva de uso destas, principalmente no que tange ao âmbito educacional, se deteve enquanto motivação na realização desta pesquisa. Composto os instrumentos utilizados durante o desenvolvimento do trabalho, temos a pesquisa bibliográfica, em suportes impressos e digitais, bem como a utilização de questionários aplicados com sujeitos formados ou em processo de formação no curso de Pedagogia/UFC. A escolha do questionário, como método de coleta de dados, se deu pela afirmativa de Santos (2004, p. 19), que aponta os procedimentos de coleta como métodos práticos utilizados para unir as informações necessárias à construção dos raciocínios sobre um fato, fenômeno ou processo.

O questionário foi disponibilizado *online*, o que possibilitou a obtenção dos dados de forma rápida, através do grupo “Pedagogia UFC”, na rede social *Facebook*, com 30 sujeitos graduados ou graduandos em Pedagogia. A escolha do local partiu da motivação em querer analisar as concepções de redes sociais, no âmbito da educação, por pessoas que fazem uso desses ambientes em seus cotidianos, além da facilidade em obter as respostas, visto que se trata de um grupo específico para profissionais da área, como também por acreditar nas redes sociais como ambientes dinâmicos de informações, que possibilitam a construção da identidade social da atualidade. Conforme afirmam Porto e Santos (2014, p. 35), “as redes sociais, designadamente o *Facebook*, têm vindo a constituir-se como um espaço alternativo, [...] como espaço social que são, dão igualmente lugar a processos de construção [...]”.

As perguntas que compõem o questionário se referem às plataformas que o usuário utiliza com frequência, média de tempo que navega nas redes sociais, suas preferências em relação aos conteúdos e quais suas perspectivas em relação ao uso destas plataformas

sociais como recurso didático em sala de aula. A maioria das perguntas contém respostas predefinidas, nas quais os sujeitos elegeram a resposta que mais contemplava suas vivências com as redes sociais, objetivando conhecer e refletir sobre as opiniões que possuem acerca das redes sociais enquanto um fenômeno social, que abrange a maior parte da sociedade atualmente, incluindo a educação, e como esses espaços podem vir a contribuir para uma aprendizagem que abra mão de preconceitos acerca das redes sociais, contribuindo para seu uso significativo e não alienante.

Os dados foram analisados e verificados teoricamente através de literatura específica. Além dos meios de pesquisa já citados, também utilizamos outros recursos, como documentos que tratam da inserção da tecnologia digital, enquanto patrimônio social e cultural da contemporaneidade na educação, para compreender as relações de uso desses ambientes, tanto na esfera pessoal, quanto profissional, por parte dos profissionais da educação, especificamente, da Pedagogia.

4. Resultados e discussões

Os resultados revelaram que os sujeitos desta pesquisa possuem familiaridade com as redes sociais. Essa familiaridade é decorrente do advento da internet, da democratização do acesso e também da popularidade que cada uma dessas redes sociais representa em nossa sociedade contemporânea, dando uma falsa impressão ao sujeito de que ele é parte do ambiente sócio-técnico. Através do uso que fazemos, e quanto mais estamos conectados *online*, mais se torna importante ter o entendimento do que essa relação significa, para que se possa utilizar esses recursos nos ambientes escolares. Assim, é necessário que a graduação em Pedagogia considere a preparação de seus discentes, e futuros professores, para a nova realidade tecnológica, e isso inclui prepará-los para o uso das redes sociais no território escolar.

Os dados obtidos demonstram que os sujeitos formados ou em formação no curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará têm em média de 17 a 25 anos, e acessam as redes sociais na maioria das vezes em *Smartphones/ Tablets*. Os sujeitos que já concluíram o curso de Pedagogia fizeram, durante suas respectivas graduações, disciplinas que discutem o uso da tecnologia na educação, contudo não fazem uso desses aparatos em suas práticas docentes. Apenas três dos sujeitos da pesquisa afirmam utilizar as redes sociais em suas salas de aula, dentre elas, as mais utilizadas são o *WhatsApp* e o *Facebook*.

Tudo que foi constatado através dos dados coletados nos fizeram refletir sobre a sociedade a qual estamos inseridos, em como nos relacionamos com esta nova realidade, e o quanto a escola está distante das vivências que envolvem o mundo na contemporaneidade. Outrossim, nos levam a refletir acerca da identidade da escola, e consequentemente, do pedagogo, formado ou em formação, que faz uso das redes sociais, em quase todas as esferas de sua vida, mas ainda estranha o uso destas em seu ambiente de trabalho, em sua prática docente. Marx (1996), afirma que é necessário construir uma identidade para que se tenha ideia do próprio processo de trabalho e do produto que ele vai criar. Se não há uma constatação disso, o trabalho passa a ser alienado, assim como os frutos que derivam dele.

Numa perspectiva educativa, Ivo Tonet (2005) assegura que a prática educativa é a apropriação do patrimônio social da humanidade acumulado pelos indivíduos durante todos os momentos históricos. Destarte, considerando que a evolução tecnológica, a internet e as redes sociais fazem parte desse patrimônio social, é necessário que a escola se aproprie desses meios, utilizando-os a favor da educação. Finalmente, concordamos com o referido autor ao afirmar que “[...] o patrimônio a qual nos referimos, não é, de modo algum, um todo homogêneo e acabado e muito menos neutro. Ele é um vasto e complexo campo, sempre em processo [...]”. Portanto, reforça a tese de que nem a tecnologia nem as redes sociais se constituem como territórios neutros, o que nos leva a reafirmar que a escola deve integrar esses elementos em suas práticas sociais e educativas, a fim de alcançar um uso desses aparatos de maneira mais consciente, que rompa com a lógica capitalista e auxilie numa prática educativa significativa.

5. Considerações finais

Este trabalho propôs discutir sobre as influências das redes sociais na sociedade contemporânea, numa perspectiva sócio-histórico crítica, e o papel da educação nesse contexto. Para isso refletimos sobre como estas evoluíram durante a história da humanidade, analisando aspectos sociais, culturais e econômicos das redes, que interferem diretamente no modo de viver e conviver dos sujeitos sociais para então esquematizar estratégias de uso seguro e consciente das redes sociais, a partir da educação, com o objetivo de alcançar uma utilização consciente e crítica dessas ferramentas, que ultrapasse o uso alienado, mascarado pelo sistema capitalista.

Constatamos que há uma grande evolução do conceito de redes. O uso desses espaços está aparelhado com uma lógica alienante, de consumo e mercantilização. A grande indústria cultural se apropriou destes espaços, com a intenção de torná-los meios para manipulação e conservação da ordem vigente. Assim, apropriar-se de conhecimentos acerca da origem e evolução das redes sociais, bem como os tipos de usuários na sociedade contemporânea, principalmente no que concerne o perfil de usuários de professores pedagogos, torna-se eficaz para que se pense em possibilidades e estratégias que rompam a lógica do capital, tornando as redes sociais ambientes seguros, com potencialidades reais de uso consciente e significativo, que integram o âmbito educacional.

Desta forma, consideramos que os objetivos propostos durante a pesquisa foram alcançados a priori. No entanto, há ainda um grande caminho a percorrer para que se trace um perfil efetivo dos sujeitos que utilizam as redes sociais, visto que nessa pesquisa só foram analisados os dados de um pequeno grupo amostral. Para que se alcance um uso significativo dessas redes é necessário ampliar a pesquisa, no sentido real de integrar essas ferramentas à educação, onde ambas, num processo dinâmico, se transformarão.

Concluimos que a pouca visibilidade das redes sociais como possibilidades na educação, e a ausência de políticas sociais e educacionais, que visem ampliar o conhecimento técnico e teórico destas para um uso mais consciente são problemáticas. É necessário que haja mudanças, para que a trajetória da sociedade, quanto ao uso das redes sociais, possam ter outros rumos.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. A. e PINHO, J. A. G. **Sentidos e significados da participação democrática através da Internet**: uma análise da experiência do Orçamento Participativo Digital. Revista de Administração Pública, vol. 48, nº 4, pp. 821-846, 2014.

ACIOLI, Sonia. **Redes Sociais e Teoria Social**: Revendo Fundamentos do Conceito. 1. ed. Londrina: 2007. 12 p. v. 12. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BELLONI, M.L. **O que é Mídia-educação**. Campinas, Editora Autores Associados, 2001.

CUNHA, Ciciane Sampaio Pinheiro; ABREU, Daphne Sousa de. VASCONCELOS, Marina Alessandra Santos. LIMA, Sérgio Ricardo Ribeiro. **Fetichismo e alienação do trabalho na atualidade a partir das concepções de Marx**. In: XIII Semana de Economia da UESB, 13, 2014, Bahia. Anais da XIII Semana de Economia da UESB - 19 a 24 de maio de 2014, Vitória da Conquista/BA, 2013. p. 10.

FALCÃO JÚNIOR, Mário Sérgio Rodrigues. **Análise cognitiva para proteção da criança nas redes sociais**. 2015. TCC (graduação em Engenharia de Software) - Universidade Federal do Ceará, Campus Quixadá, Quixadá, 2015.

FEENBERG, Andrew. **A filosofia da tecnologia numa encruzilhada**. 1999. Disponível em <http://www.sfu.ca/~andrewf/portu1.htm>. Acesso em: 17 Nov. 2017.

FEENBERG, A. **Transforming Technology**. New York: Oxford University Press, 2002.

KIETZMANN, J.H., HERMKENS, K., McCarthy, I.P., & Silvestre, B.S. **Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media**. Business Horizons, Vol. 54(3), pp. 241-251. 2011.

MARX, K. **O Capital**: Crítica à economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2006.

NOVAES, H.; DAGNINO, R. **O Fetiche da Tecnologia**. Revista ORG & DEMO. v. 5, n. 2, p. 189-210 2004. Disponível em:
<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/411/0>>. Acesso em: 22 out. 2017.

PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em:

<<https://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso em: 10 Out 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs**. 2004. 15 f. Artigo (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Católica de Pelotas, Porto Alegre, 2004. 1. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121985795651418859729998795470196200751.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SAVIANI, D. **O Trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: CELSO JOÃO, Ferreti et al. (Org.). **Tecnologias, Trabalho e Educação: Um Debate Multidisciplinar**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. cap. 3, p. 151-168. v. 1.

TONET, Ivo. **Educação e Emancipação Humana**. In: TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. 1. ed. [S.l.]: Unijuí, 2005. p. 211-237. v. 1.

VELHO, Ana Paula Machado; VERMELHO, Sônia Cristina Soares Dias; BERTONCELO, V.. **Sobre o conceito de Redes Sociais e seus pesquisadores**. *Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP*, v. 41, p. 863-881, 2015.